

O MUNDO EM PRIMEIRA PESSOA

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Divino José da Silva

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

FRANCIS WOLFF

O MUNDO EM PRIMEIRA PESSOA
ENTREVISTAS COM ANDRÉ COMTE-SPONVILLE

TRADUÇÃO
MARIANA ECHALAR



Le Monde à la première personne:
Entretiens avec André Comte-Sponville, de Francis Wolff

© 2021 Librairie Arthème Fayard

© 2022 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

www.livrariaunesp.com.br

atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949

W855m Wolff, Francis

O mundo em primeira pessoa: entrevistas com André Comte-Sponville / Francis Wolff; traduzido por Mariana Echalar. – São Paulo: Editora Unesp, 2022.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-130-7

1. Filosofia. 2. Antropologia. 3. Entrevistas. I. Echalar, Mariana.
II. Título.

2022-1850

CDD 100

CDU 1

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

À memória de

Ferdinand Israel Wolff
Diefflen, 9 dez. 1882 – ☆ Theresienstadt, 10 jul. 1943

Bertha Kahn
Fürfeld, 1^o dez. 1881 – ☆ Auschwitz, 15 maio 1944

Hugo Moritz Czech
Łańcut, 18 out. 1884 – ☆ Auschwitz, 24 jul. 1942

Sophie Levy
Bollendorf, 24 ago. 1885 – ☆ Auschwitz, 7 mar. 1943

SUMÁRIO

Prefácio	
<i>André Comte-Sponville</i>	9
Primeira entrevista: Tornar-se filósofo	13
Segunda entrevista: Histórias judaicas	61
Terceira entrevista: Os mestres	93
Quarta entrevista: O que há no mundo?	133
Quinta entrevista: Atrever-se à metafísica	165
Sexta entrevista: Atrever-se ao humanismo	199
Sétima entrevista: A objetividade do bem	239
Oitava entrevista: A liberdade	261
Nona entrevista: A música e as outras artes	287
Décima entrevista: O que resta	345
Índice analítico	393

PREFÁCIO

André Comte-Sponville

Disse muitas vezes, especialmente aos jornalistas que me perguntavam, que considero Francis Wolff o maior filósofo francês vivo. Isso não significa que suas ideias tenham se tornado as minhas – admiração, em filosofia, não é o mesmo que aprovação –, mas não conheço, em nossa época e em nosso país, um filósofo cujo pensamento seja mais sólido, mais científico e mais rigoroso do que o seu. Talvez isso cause surpresa, pois ele é pouco conhecido do grande público. Esse descompasso entre a importância de sua obra (largamente reconhecida pelos especialistas) e sua notoriedade (que não vai muito além dos limites da Universidade) é a razão deste livro e o suficiente para justificá-lo.

A ideia, sob outra forma, veio primeiro de Francis, que me propôs, alguns anos atrás, escrevermos um livro a duas vozes para confrontarmos nossos pontos de vista. Eu não via a necessidade ou, caso o projeto se concretizasse, como eu poderia evitar repetir inutilmente o que eu já formulara em outras obras, sozinho, com outros ou contra outros. Não basta trocar de interlocutor para mudar de filosofia! Depois o projeto tomou novas feições. Francis, passados os anos e ao arpejo de seu modo habitual de escrever,

teve a ideia de um livro de entrevistas. Queria poder relembra a história de sua família (cuja particularidades dolorosas têm certa relação com as posições universalistas defendidas por ele), dirigir-se a um público mais amplo e, sobretudo, trazer à luz do dia a unidade de seu trabalho, para além dos diferentes domínios, parciais e às vezes muito distantes uns dos outros, nos quais ele é conhecido (como historiador da filosofia antiga, como filósofo da música, como metafísico, como crítico das utopias contemporâneas, ou mesmo como defensor das touradas). Do meu ponto de vista, isso mudava tudo! Não se tratava mais de um livro a duas vezes iguais, sob forma de diálogo ou textos justapostos, mas de um jogo de perguntas e respostas, no qual eu assumiria as perguntas e deixaria para Francis a responsabilidade exclusiva das respostas. Essa nova ideia me convenceu, ou melhor, despertou imediatamente meu entusiasmo. Que alegria seria oferecer ao grande público um acesso mais fácil e mais personificado ao pensamento – sempre claro, mas vez por outra terrivelmente abstrato e denso – do meu amigo! Visto que Francis, sonhando com esse livro de entrevistas, me concedia a honra e a amizade de pretender, ainda que timidamente (“não sei se me atrevo a lhe pedir”, escreveu ele), fazê-lo comigo, estava fora de cogitação hesitar. Aceitei. Se agi bem ou mal, não cabe a mim dizer, nem a ele, mas aos leitores.

Como procedemos? Primeiro à distância, já que estávamos na época do primeiro confinamento imposto pela pandemia de Covid-19, mas tirando partido de todas as facilidades oferecidas pelas novas tecnologias, portanto, tanto oralmente, por videoconferência, como, mais frequentemente, por escrito, através de e-mails. O objetivo era encontrar, na e pela escrita, alguma coisa da oralidade, da vivacidade, da espontaneidade dela, sem abrir mão do que o escrito pode oferecer em termos de rigor e precisão. A amizade, muito antiga entre nós, tornou a coisa mais fácil do que poderíamos imaginar, e ainda mais agradável do que esperávamos. O confinamento, a cada encontro, tornava-se menos pesado. Depois acabou e pudemos continuar ou retomar nossas conversas pessoalmente, sem deixar de privilegiar a escrita.

O plano, estabelecido previamente e de comum acordo, variou pouco. A primeira entrevista, que cumpre aqui a função

de abertura, é ao mesmo tempo a mais geral e a mais singular. Trata do que é filosofia (especialmente por oposição às ciências e à literatura), mas também da trajetória biográfica que levou Francis a fazer dela uma profissão e, mais tarde, uma obra. A segunda entrevista faz uma espécie de *flashback* que nos pareceu necessário: ela conta a história de antes do nascimento de Francis, de seus pais e avós, judeus alemães tragicamente vitimados (inclusive os que não morreram) pela monstruosidade dos nazistas e de seus cúmplices na França. A terceira entrevista nos leva de volta à filosofia e a Francis, ou melhor, à maneira como este último se alimenta daquela primeira, não mais vista em geral, como no primeiro capítulo, mas mediada por certos mestres (especialmente Althusser e Derrida), ou alguns dos maiores filósofos do passado, dos mais distantes de nós (Aristóteles, Descartes, Kant...) aos nossos quase contemporâneos (Quine, Strawson, Foucault, Ricœur, Rawls, Habermas...). Os leitores compreenderão como uma filosofia se busca e se constrói confrontando-se com outras filosofias – como a admiração, quando é exigente, torna-se criativa. A quarta entrevista trata da metafísica de Francis Wolff, inteiramente oriunda de sua análise da “linguagem-mundo” e do que ele denomina a “razão dialógica”. O mundo, tal como podemos dizê-lo e pensá-lo, compõe-se fundamentalmente de três tipos de entidades, e somente três: coisas, eventos e pessoas. Os leitores verão, na quinta entrevista, que essa ontologia triádica esclarece consideravelmente, e sob uma nova luz, um certo número de problemas tradicionais da filosofia, desde a questão do “por que existe alguma coisa, ao invés de nada?” até as interrogações sobre os “conceitos híbridos”, como Deus e o tempo. Essa ontologia deságua numa nova maneira de pensar nossa humanidade (tema da sexta entrevista, que responde à pergunta: “O que é o homem?”), fundamentar a moral (sétima entrevista: “A objetividade do bem”) e conceber a liberdade (oitava entrevista). As mesmas categorias, aplicadas às belas-artes, nos permitem compreendê-las e classificá-las de maneira original, ao mesmo tempo que nos interrogamos sobre seu devir contemporâneo (nona entrevista). Em todos esses domínios, o universal – e, portanto, também o humanismo – está no centro do pensamento de Francis

Wolff, o que o faz distanciar-se de toda uma parte do pensamento contemporâneo, tanto em ética como em estética. Finalmente, a décima entrevista esclarece as posições de Francis sobre um certo número de temas nunca ou pouco abordados nas nove entrevistas precedentes, desde a política até a religião, passando pelo amor e pelas touradas. Também é ocasião para uma espécie de balanço, provisório ao menos, sobre uma obra sempre em desenvolvimento. Possam os leitores sentir tanto prazer em descobri-la nas próximas páginas quanto eu senti ao revisitar, graças a Francis, as suas diferentes etapas!

PRIMEIRA ENTREVISTA

TORNAR-SE FILÓSOFO

O filósofo e o *castrato* – As perguntas da criança – Razão e experiência – Meditações metafísicas de um pré-adolescente – Ciência, literatura e filosofia – A família e os estudos – O grande segredo de família – O tio da América – O rabino Gourévitch: o educador – “Jejuar no Kipur” – Os maos – Os gêneros e o sexo – Uma carreira e quatro telefonemas – Ensinar em português – Interpretações analíticas e os *baroqueux* – Um pecado de juventude – “A liberdade do espírito”

– *Você me permite, à guisa de introdução, que eu comece contando uma história? Foi há cinquenta anos, no outono de 1970. Eu tinha acabado de entrar na hypokhâgne, no Liceu Louis-le-Grand. Eu não conhecia ninguém da classe superior, a khâgne,* exceto – porque éramos do mesmo sindicato estudantil, a Union Nationale des Étudiants de France (Unef) – um certo Thierry V., com quem eu conversava de vez em quando.*

* *Hypokhâgne* e *khâgne* são gírias, respectivamente, para o primeiro e o segundo anos do curso preparatório para o exame da École Normale Supérieure (seção literatura). (N. T.)

Um dia, saindo do liceu, andando ao lado dele, perguntei: “Na sua turma tem alguém realmente bom em filosofia?”. Ele respondeu: “Tem um cara que é fantasticamente fera. Ele se chama Francis Wolff”. A resposta me impressionou tanto que nunca mais me esqueci nem do nome, que eu estava ouvindo pela primeira vez, nem do advérbio e do adjetivo, cuja autenticidade literal eu garanto. Alguns anos depois, conhecendo você, na época do nosso internato na Rue d’Ulm, e depois lendo você, nas décadas seguintes, eu me peguei várias vezes pensando nessa apreciação do ex-colega, que há muito tempo perdi de vista, e me surpreender que fosse tão pertinente e tão precoce! Como eu poderia não aceitar, meio século depois, e a convite seu, representar diante de você, como fiz para Marcel Conche, o modesto e útil papel de entrevistador?*

Mas vamos direto ao que interessa. Francis, para você, o que é filosofia?

Minha primeira tentação é fazer piada: não sou nem jovem o suficiente nem velho o bastante para me perguntar o que é filosofia. Ainda estou na idade de fazer filosofia e, portanto, de ter esperança de redefini-la pela minha prática, sem estabelecer um limite *a priori*. Confesso que, quando eu era um jovem professor, eu adorava dar esses cursos introdutórios sobre: “O que é filosofia?”. Ficava maravilhado com meus alunos que a própria pergunta já fosse uma questão filosófica, e acrescentava, também classicamente, e até banalmente, que acontecia o mesmo com as perguntas: “O que é matemática?”, “O que é ciência?”, ou: “O que é arte?”, perguntas que não são matemáticas, científicas ou artísticas, mas filosóficas exatamente por causa do “que é?” – que em filosofia chamamos de “a essência”... Isso me permitia abordar diretamente Sócrates e sua maneira de reformular qualquer questão prática ou moral em uma pergunta “que é?”, e depois passar para o nascimento da filosofia na Grécia Clássica, o fato de ela coincidir com a democracia, o discurso livre e o pensamento crítico, mas também com a demonstração matemática. Em resumo, numa grande alegoria, a Razão se distanciava triunfalmente do mito e dos preconceitos religiosos. Como você vê, o curso estava

* Referência à École Normale Supérieure, localizada na Rue d’Ulm, em Paris. (N. T.)

redondinho. E funcionava bem. Eu tinha segurança, sabia o que era filosofia, ou pelo menos sabia mais ou menos defini-la: a busca da sabedoria, isto é, a busca do conhecimento verdadeiro, da ação correta etc. Nada disso é falso, mas imagino que não seja isso que você espera de mim, já que envelheci um pouco, mas ainda não sou velho.

– *Vou reformular a minha pergunta, então: o que é, para você, filosofar?*

Como sou apaixonado por música, recorro a uma analogia musical e digo que filosofar é cantar como um *castrato* do século XVIII: com voz de criança e técnica de adulto. Filosofar é interrogar o mundo com o rigor de um adulto e o espírito de uma criança. Há um momento no desenvolvimento das crianças em que elas perguntam “o que é?” a propósito de tudo. “O que é isso? O que é isso? O que é isso?”. Na maioria das vezes, o nome da coisa é suficiente para satisfazer a curiosidade delas. Às vezes a criança repete a pergunta a respeito do nome dado. “E o que é casa?”, ou então: “O que é animal?”. Então ela se cansa: ela entende e se faz entender, é o que interessa. Acontece a mesma coisa com os “por quê?”. “Por quê? Por quê? Por quê?”, não se cansam de perguntar as crianças por volta dos 4 ou 5 anos, nunca satisfeitas com a resposta que damos. Na verdade, elas mal escutam nossa resposta. Elas a usam como simples pretexto para uma nova pergunta, o que prova, na minha opinião, que o que elas querem é testar a nossa capacidade de responder a tudo. Porque os pais se cansam e a criança quer brincar. Ela tem razão: brincar é a melhor maneira de aprender as regras da existência. Foi assim que todos nós aprendemos progressivamente a nos contentar com este mundo imperfeito em que os *que é* são incontáveis e os *por quê* são intermináveis. Nós nos adaptamos! É preciso viver, a vida não espera. Mas suponhamos um “espírito filósofo”, que não quer se adaptar completamente, que mantém esse olhar inquieto da criança sobre as coisas e que, além do mais, tem o desejo, ou o vazar, ou a ocasião de trabalhar esse espírito como um cantor trabalha sua voz: escalas, *vocalises*, respiração, e ainda solfejo, história da música, estudo das grandes vozes etc. Esse espírito filósofo

aprende a filosofar pelas lições dos mestres, pela leitura dos grandes textos ou pela prática dos exercícios de escola. Da criança, ele conserva a insatisfação e a insistência. Mas, como adulto, aprende a questionar não apenas as coisas ao seu redor, mas também os saberes, as crenças, as práticas, as normas, os valores aceitos etc. E da mesma forma que a criança aprende a dar nome a todas as coisas, ele aprende a dar nome aos conceitos, isto é, a pensá-los de maneira abstrata e geral, a manejá-los com rigor e precisão. E ao contrário da criança, que não tem saída senão acreditar na autoridade de seus pais ou de seus mestres, ele aprende a argumentar, isto é, a justificar tudo o que afirma e, portanto, a questionar aquilo em que acreditava ou aquilo que acreditava saber. Tudo isso é filosofar. E se, finalmente, certos espíritos conseguem fazer de todos esses questionamentos singulares, de todos esses conceitos e argumentos um conjunto coerente, capaz de esclarecer a própria existência, ou o saber e a ação dos homens, pode-se dizer que eles realizam uma obra de filosofia.

Eu poderia dizer isso numa frase. Filosofar é introduzir o máximo de racionalidade na experiência. Mas desde que a frase possa ser invertida: filosofar é, por seus conceitos e razões, permanecer o mais fiel possível à singularidade e à riqueza da experiência humana. Filosofar mal, sofismar, bancar o ideólogo ou o guru é falhar com a razão, ou falhar com a experiência.

– Mas como você, pessoalmente, fez para “filosofar bem”? Como aplicou no seu trabalho essas definições de filosofia que você propõe: a do questionamento infantil com voz de adulto e a do equilíbrio entre razão e experiência?

Que é e por quê não são somente duas perguntas sistemáticas das crianças. Para mim, elas são a manifestação mais significativa da inquietude humana em face do mundo. Expliquei a presença delas em *Dizer o mundo*. E, na maioria dos meus trabalhos, me esforço para ser fiel a esse modo de questionamento. Neste livro, por exemplo, esboço uma resposta possível à questão do *que é o mundo* e o *que há no mundo*. Nessa trilha, da qual evidentemente nunca saí, descobri depois a questão *por que existe alguma*

coisa, ao invés de nada?, que está justamente na intersecção da questão *que é* com a questão *por quê*. Outro exemplo: meu livro *Pourquoi la musique?* [Por que a música?] pergunta logicamente “o que é a música?”, porque raramente essas perguntas aparecem uma sem a outra em filosofia. Outros exemplos? Escrevi um longo ensaio sobre o mal que tenta defini-lo, desenhar seus contornos, para talvez dissipar seu conceito. Também escrevi um livrinho sobre o amor cuja única ambição é dizer o que é, ou melhor, o que são os amores! E há mais de uma década me dedico à questão “o que é o homem?”, que apresentei diversamente em três livros. Quando não me pergunto *que é*, como Sócrates e Platão, me pergunto *por quê*, como Aristóteles, entende?

Na verdade, para mim, há uma terceira pergunta fundamental: “Quem?”. Voltaremos a falar dela. Essa, na minha opinião, é a pergunta fundadora da moral.

– *Como você praticou nos seus textos o equilíbrio entre razão e experiência?*

Sempre tentei me manter à mesma distância das duas. Quando escrevi sobre a música, por exemplo, tentei ser o mais fiel possível à multiplicidade das experiências musicais, às emoções que elas suscitam, às paixões que elas despertam, às ações que elas incitam. E, sobretudo, nunca soterrar a singularidade de cada experiência sob um excesso de generalidades, como fazem certos filósofos. Eles arriscam meia dúzia de especulações sobre a ideia abstrata de “melodia” que nunca esclarece nada. Um conceito só tem valor em relação às realidades que ele permite *compreender* em todos os sentidos do termo. Mas, inversamente, não posso apenas me limitar a caracterizar a diversidade dos efeitos da música, tenho de explicar sua razão. Perguntar *por que* uma música faz cantar, outra dançar e outra chorar. *Por que* uma música nina a criança e outra desperta a nação? *Por que* uma louva perdidamente o Deus salvador e outra manda tranquilamente os homens para a morte? O problema que se coloca ao filósofo que fala de música é: como ser fiel à riqueza de cada experiência musical concreta e à extrema variedade de suas manifestações (de Johann Sebastian

Bach a Charlie Parker, das polifonias medievais às polirritmias africanas), sem se privar das virtudes instrutivas dos conceitos abstratos? Porque o objetivo é filosofar, não é?, e não se contentar com um relatório de experiências.

O mesmo vale para o amor no livrinho que dediquei a ele. Como quem se lança um desafio. Definir o indefinível. Mais indefinível ainda que a música. O amor parece se rebelar contra o conceito porque suas manifestações são caprichosas, ou até opostas. É claro que não faltam frases sugestivas que desejam prendê-lo em suas malhas. Mas, assim como o peixe escapa da rede, o amor volta a ondular ao largo. Todas essas belas sentenças se chocam imediatamente com múltiplos contraexemplos: a literatura mundial oferece milhares de ilustrações. Como no caso da música, eu tinha de respeitar a identidade do conceito e as diferenças das experiências. E, se possível, explicar uma pela outra. Porque cada um de nós tem uma maneira de amar, e uma maneira singular de não amar como amava antes. E cada história de amor é pelo menos duas histórias: a que é vivida por um e a que é vivida pelo outro. Duas histórias, ou mais: porque nem um nem outro contam a história dele, ou deles, duas vezes da mesma maneira. Dito isso, a verdade é que nem sempre é fácil manter o equilíbrio entre a carne da experiência e o esqueleto do conceito.

– Em relação à razão e à experiência, sim. Mas poderíamos dizer o mesmo – ou talvez até melhor – em relação às ciências...

Tem razão. Aliás, como você sabe tão bem quanto eu, na maior parte da história da ciência não havia diferença entre filósofos e cientistas: Demócrito e Aristóteles eram os maiores cientistas de sua época e, no período clássico, é só lembrar os nomes de Descartes, Pascal ou Leibniz. Mas o que diferenciou essas duas disciplinas não foi apenas o fato de que as ciências ocuparam progressivamente cada um dos territórios da filosofia, que foi obrigada a se entrincheirar pouco a pouco na vida interior, na moral e na metafísica. Houve outras razões. A ciência e a filosofia, naquilo que elas têm de mais autêntico, tentam conciliar razão e experiência, mas não tomam essa exigência no mesmo sentido.

Nas ciências, ou pelo menos nas ciências naturais, “experiência” significou cada vez mais “experimentação”, isto é, experiência provocada e controlada, uma maneira de investigar ativamente a Natureza, ao invés de observá-la passivamente de fora. Por outro lado, a razão científica envolveu desde o início o raciocínio matemático, assim como a medição. Em contrapartida, a razão filosófica é menos dedutiva, ou demonstrativa, do que argumentativa. Entendo por isso uma forma de dialogar que opõe o pró e o contra, seja com um outro, como diz Platão, seja consigo mesmo, como se vê na maioria dos grandes filósofos. Toda ideia deve desafiar sua contraideia, sua objeção. Chamo essa razão de razão “dialógica”.

Quanto à experiência humana que alimenta desde sempre o pensamento filosófico, ela é extremamente variada e depende sobretudo do alcance que se dá à palavra “humano”. É, em primeiro lugar, a experiência de cada um de nós, vivida em primeira pessoa. É viver, desfrutar, sofrer, se emocionar, amar, acreditar, agir, morrer. É o que se chama existência. É também a experiência da humanidade como tal, em toda a sua variedade: a história, o conhecimento (em especial o científico), a moral, a política, o direito, a arte, a religião, a própria filosofia. É por isso que, desde que a filosofia se tornou uma disciplina de ensino e pesquisa, isto é, mais ou menos desde o início do século XIX, existem filósofos “profissionais”, que fazem filosofia da história, das ciências, do direito, da arte, da religião, e existem filósofos que se dedicam ao que se chama, de forma um tanto duvidosa, a “história da filosofia”, isto é, o estudo, o comentário e a interpretação das filosofias do passado.

– Existem também os generalistas, como se diz em medicina: os que se recusam a se fechar numa determinada especialidade, seja porque se interessam por todas, seja porque preferem se dedicar ao que chamamos tradicionalmente de “filosofia geral”. Me parece que você é um desses, como é também – mas esse é outro aspecto do seu trabalho – um historiador da filosofia. Isso me leva à questão da articulação entre essas duas disciplinas. Filosofar não é a mesma coisa que fazer história da filosofia – embora seja difícil praticar a filosofia sem passar pelo estudo aprofundado do seu

passado e, sobretudo, dos seus pontos altos. Mas, antes de abordar essa questão, se você me permite, gostaria de saber mais sobre a sua relação pessoal com a filosofia, quer dizer, sobre o lugar que ela ocupa na sua vida, o interesse ou a paixão que levaram você a ela, sobre o prazer ou o benefício que você encontra nela. Investigar o mundo “com o rigor de um adulto e o espírito de uma criança” é um desejo que nem todo mundo tem. De onde ele veio? E, principalmente, como você descobriu a filosofia? No último ano do liceu?

Bem, não exatamente. Escolhi deliberadamente fazer o último ano em “Filosofia” – era assim que se chamava – quando ela já começava a perder prestígio para a “Matemática Elementar”. Era a época da efervescência filosófica. Foi no ano letivo de 1966-1967. A imprensa estava dividida: Sartre ou Foucault? *As palavras e as coisas* tinha acabado de sair, alguns anos depois de *Crítica da razão dialética*, que marcou o período marxista de Sartre. E nós éramos marxistas, inevitavelmente. Enfim, nem todos, apenas os que tinham alguma coisa na cabeça. Ora, Foucault tinha cometido um crime imperdoável em *As palavras e as coisas*. Evidentemente nós não tínhamos lido esse livro longo e difícil (como também não tínhamos lido o livro de Sartre, do qual só conhecíamos *O existencialismo é um humanismo*), mas uma frase assassina chegou até nós: “O marxismo vive no pensamento do século XIX como um peixe na água, isto é, fora dele ele deixa de respirar”. Me lembro de discussões acaloradas no pátio do liceu de Saint-Cloud. Nosso professor de filosofia, Amédée Gauthier, vinha se juntar a nós, fumando *gitanes* sem filtro, cuidadosamente divididos em dois e encaixados numa piteira de baquelite e metal prateado. (Consequentemente, alguns colegas de classe faziam igual e eu achava ridículo.) A grande questão que nos dividia, ou melhor, que dividia cada um de nós, era: história ou estrutura?

Mas já naquela época eu não imaginava outra coisa para a minha vida senão fazer filosofia. Não fazia ideia do que isso podia implicar, exceto talvez virar um senhorzinho de terno e gravata, piteira e sorriso discreto, intrometendo-se tranquilamente na conversa dos alunos do último ano para iluminá-los com seu saber e sua sabedoria. Para mim, não havia a menor dúvida, com piteira ou não: “vou ser filósofo e ponto-final”. Porque tinha tido